

*Sachs examina as contas da renegociação e conclui: o Brasil perdeu US\$ 1 bilhão*

# Sachs quer união de devedores

Nos últimos quatro meses, o Brasil perdeu US\$ 1 bilhão por conta de uma desfavorável renegociação de sua dívida externa e esse volume tende a crescer. Este é o cálculo de Jeffrey Sachs, economista norte-americano de apenas 33 anos que se tornou mundialmente conhecido como o responsável pelo plano de redução da inflação boliviana de 20.000% em 1984 para os 10% do ano passado. Sachs participou ontem, em São Paulo, do seminário Formação de Capitais, organizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, e foi categórico ao afirmar que a suspensão da moratória brasileira ocorreu na hora errada: "Os devedores devem se unir, como os credores, e pagar somente o valor justo".

Para ele, o Brasil deveria pagar apenas 50% do principal. "Isso, entretanto, só seria possível a partir de uma ação conjunta dos países latino-americanos. Enquanto eles se desgastam, desperdando esforços isolados, os credores usam sua principal arma: a

união", disse. Advertiu, porém, que uma atitude desse tipo requer um plano concreto de austeridade e crescimento.

"Há de se observar, ainda, que os países credores tiveram sua fase de prosperidade em reservas, que lhes proporcionaram a realização de empréstimos. No momento, a situação não é a mesma. Eles estão dependentes do retorno desse capital para se autofinanciar. É mais um trunfo aos devedores", afirmou Sachs.

Há apenas uma semana no Brasil, Jeffrey Sachs não resistiu e criticou a política e a economia. "A Constituinte cometeu atentados à Lei da Gravidade. É uma aberração fixar as taxas de juros em 12% ao ano. Eles também deveriam ter fixado a inflação em 10%", ironizou. Na sua opinião, há no País muitos pontos a serem reavaliados, como o protecionismo, o superinchado setor público, a carga tributária e a distribuição de renda.

## DÉFICIT

Antes dessas correções, res-

saltou Sachs, não há a mínima condição para uma reforma monetária e fiscal. "As margens são muito pequenas. Uma brusca mudança na área fiscal, por exemplo, pode resultar em menor arrecadação, e o governo ainda não controlou suficientemente o déficit público." Este ponto de vista de Jeffrey Sachs era uma crítica ao economista Carlos Longo, da USP, que falou antes dele no seminário. Longo considerou o congelamento dos salários nas estatais por dois meses e a exigência de pagamento das dívidas externas aos Estados e municípios medidas acertadas do governo, e arrematou: "Foi possível controlar o déficit público".

Roberto Macedo, presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, acompanhou o raciocínio de Sachs. "Não acredito em controle do déficit, muito menos neste governo. Para conter a inflação será preciso, entre outras coisas, cortar salários e empregos nas estatais, uma decisão política muito difícil", disse.